



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios [AT]

---

#### **OS LUGARES DAS SOCIABILIDADES URBANAS PARA JOVENS EM CONTEXTOS DE SOBREVIVÊNCIAS DA RUA**

---

ANTUNES, Adelino

Doutorado em Sociologia

FCH da UNL

[adelinoantunes@live.com.pt](mailto:adelinoantunes@live.com.pt)

---

### Resumo

Na noite de alguns lugares da cidade de Lisboa, cruzam-se pessoas à procura dos seus pares, com quem trocam solidariedades, cumplicidades, seringas, cachimbos ou simples metades de limões amarelecidos, à mistura com retalhos de vida confidenciados ao ouvido, na partilha de um charro. Por ali permanecem ou deles partem à procura do resguardo da noite clareada pelas luzes de néon. O que os traz a estes lugares? Que caminhos percorrem para cá chegarem? Porque se procuram mutuamente na espera do consumo ou no "trabalho" que fazem para encontrar as moedas com que compram o prazer de alguns e o não sofrimentos de outros? E de onde partem, e porque partem dos seus lugares de origem estes utentes da cidade grande? E que relações estabelecem com estes lugares e com as suas gentes?

### Abstract

At the night of some places of the city, people are crossing, seeking their peers, with whom they exchange solidarity, complicity, syringes, pipes or simple halves of lemons, mixing with remnants of life told in confidence in the ear while sharing a joint. There they remain or leave, seeking for shelter for the neon light illuminated night. What brings them to these places? What paths do they cross to arrive here? Why are they seeking one another in hope of consumption or the "work" they have to find the coins with which they buy the pleasure of some and the non-suffering of others? And from where they depart, and why this big city citizens leave their origin places? And which relations do they establish with these places and his people?

Palavras-chave: Sociabilidade, Grupo, Sobrevivência, Lugares

Keywords: Sociability, Group, Survival, Places



## 1. Introdução

Este trabalho resulta de uma investigação levada a cabo no âmbito da tese de doutoramento realizada em Julho de 2010 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que teve como orientador o Professor Doutor Luis Vicente Baptista. A referida tese não procurou chegar a resultados estatísticos que comprovassem uma qualquer ideia preconcebida. Apenas se procurou, a partir da abordagem e acompanhamento de sete grupos de consumidores de drogas, compreender os que, nestas circunstâncias, e vivendo na rua ou da rua, exibiam estratégias de sobrevivência, ao mesmo tempo que procuravam alguns lugares dentro da cidade onde se reuniam, ou consumiam, num espaço e num tempo diário que em absoluto “lhes pertencia”. As relações estabelecidas com estes lugares e com os seus habituais residentes, foram o alvo privilegiado desta abordagem, numa tentativa de melhor entender a dinâmica destes grupos e, conseqüentemente, as suas necessidades e estratégias, os seus projectos e as razões que os levaram à actual situação.

Observações anteriores, no decurso da minha vida profissional, quase sempre vivenciada entre jovens com reconhecidas práticas marginais, permitem-me pensar, por vezes em termos de senso comum, que o crescimento urbano, as novas geometrias das grandes cidades, tal como as políticas de rentabilização do solo urbano, ignoraram as necessidades sociais e culturais dos cidadãos residentes ou daqueles que as procuram para a realização das suas subsistências.

O conhecimento das interacções entre estes grupos e os territórios ou lugares que ocupam é, no meu ponto de vista, fulcral para que as políticas de ocupação de solos nas cidades possam contemplar os maiores e primeiros interesses das populações que vierem a convergir para esses lugares. *“L’Action sociale ne sera efficace que si la connaissance sociale se perfectionne”.* (Ledrut, 1968, 353).

Também a compreensão dos estilos de vida e das formas de agir e estar dos grupos que na rua vivem ou que nela desenvolvem as estratégias de sobrevivência, qualquer que seja o significado desta expressão, pode passar por entender a cidade, o seu crescimento, as suas dinâmicas, e isso passa também por entender as estratégias das suas instituições para minimizar o problema.

## 2. Proposta metodológica para a investigação

*"Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e incertezas que isso implica"* (Quivy, R. & Van Champenhoudt, L. 1998, pp31)

Este trabalho pretende estudar como em certos lugares da zona central e histórica da cidade de Lisboa, grupos de consumidores de drogas ilícitas os utilizam como espaços de reunião, consumo ou actividade, e as relações pessoais e grupais que estabelecem com estes lugares e com os seus residentes.

Apesar dos muitos estudos (como o de Miguel Chaves em 1996, ou os efectuados pelo OEDT<sup>i</sup> anualmente) efectuados nos últimos anos no domínio da Sociologia, da Antropologia e da Etnologia cuja atenção recai sobre os toxicodependentes, parece estar em aberto o estudo dos lugares urbanos frequentados por eles e a sua relação com esses lugares e as suas gentes. Verifica-se ainda que a maioria dos estudos têm como alvos preferenciais o indivíduo consumidor, olhado individualmente. Ora, parece existir uma diferenciação nas formas de estar, sentir e agir dos consumidores, quando organizados em grupo.

Assim, tentando preencher um pouco do campo em aberto pretendemos, através da abordagem directa de sete dos grupos que frequentam sete lugares urbanos, seleccionados a partir das preocupações manifestas nos relatórios das equipas de rua que operam na cidade de Lisboa, recolhidos nos arquivos recentes (2007, 2008 e 2008) da Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo do Instituto da Droga e da Toxicodependência, analisar os laços sociais e territoriais daí decorrentes.

### **3. A escolha dos lugares**

A escolha dos lugares, que como já foi dito teve como base as preocupações manifestadas nos relatórios das equipas de rua que operam na cidade de Lisboa, teve também como referencial de selecção a observação da existência de grupos que os utilizam com regularidade como mero ponto de encontro, de local de consumo ou lugar de actividades de angariação de recursos que lhes garantam a sobrevivência ou os consumos.

Assim, e após observação atenta dos dezassete lugares mais referenciados nesses relatórios, observou-se que nalguns deles a população que os frequentava, embora consumidores manifestos de drogas ilícitas, se encontravam nalguns desses lugares para o consumo, mas de uma forma ocasional não mantendo relações entre si nem manifestando qualquer identidade grupal visível, pelo que a observação desses lugares foi abandonada ao fim de algumas semanas de observação, por não se tornar interessante para este estudo. A escolha recaiu, após esta observação sobre sete lugares onde foi possível observar, para além dos consumidores de passagem, alguns outros onde esta identidade grupal foi manifesta:

Casalinho da Ajuda (Rua Fonseca Benavides); Rua Maria Pia; Anjos(Igreja dos e Beco das Índias e Regueirão dos Anjos); Quinta do Cabrinha (exterior), Av. Almirante Reis, junto ao Fontenário; Rua Poço dos Negros; Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro

### **4. Metodologias utilizadas**

*“Toda a minha actividade científica se inspira, com efeito, na convicção de que não podemos aprender a lógica mais profunda do mundo social a não ser mergulhando na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada...”(Bourdieu, p. (1997, pp4)*

Para realizar esta investigação sobre os grupos seleccionados, foram utilizados princípios metodológicos frequentemente utilizados na Antropologia e Etnologia, associados a uma observação e abordagem junto dos grupos e dos residentes e de uma observação local dos lugares e das suas rotinas diárias. Não havendo lugar a uma recolha fotográfica desses lugares nos horários frequentados pelos grupos, por razões de respeito pela sua identidade e também para evitar dificuldades obvias à abordagem destes grupos e à necessária relação de confiança entre observador e observados, a descrição desses lugares faz-se através do relato escrito em estilo livre, tal como se apresentaram ao olhar nos momentos iniciais da observação.

A escolha de uma metodologia que aproxima este trabalho de uma pesquisa etnográfica, prende-se com a exigência de anonimato que os atores reclamam, sujeitos, como estão, a uma crítica social grande e até a uma observação policial intensa, com a qual, estranhamente, parecem lidar melhor do que com a crítica e tentativa de controle social.

Numa perspectiva exploratória, foram também registadas entrevistas a três técnicos, de três organizações humanitárias diferentes<sup>ii</sup>, que operam no terreno no âmbito das equipas de rua na cidade de Lisboa. Procedeu-se, também a dez entrevistas a residentes.

#### **4.1 Observação à distância**

A identificação dos percursos efectuados pelos utilizadores regulares de drogas, desde os seus lugares de origem e/ou de pertença, e os lugares de consumo, encontro ou actividade reveste-se de particular importância, já que, frequentemente estes percursos são caracterizados por alguns lugares de interface, quer para a compra do produto, quer para angariação do todo ou parte do custo desses produtos. Por outro lado, alguns dos lugares situados nestes percursos são também lugares de encontro com outros pares, com quem formam pequenos grupos, seguindo depois o mesmo percurso até aos lugares de consumo, como se fossem regatos ou ribeiras desaguando nos rios e engrossando-os.

#### **4.2 Observação de proximidade**

A observação e abordagem destes grupos carecem de cuidados especiais, já que, por norma se tratam de grupos muito voltados para o seu interior, e com grandes desconfianças relativamente aos elementos estranhos, derivados da exclusão a que normalmente são votados.

A aproximação a estes grupos poderia ser facilitada com a utilização de guias ou mediadores. Mas este processo conduziria provavelmente a uma selecção pouco natural destes grupos e lugares, já que seria introduzir artificialmente um novo elemento a cada grupo e, ainda que pudesse ser um elemento com as mesmas características, poderia alterar as relações de grupo existentes, pelo que optei por uma metodologia de aproximação gradual e directa que, embora mais demorada, me oferecia uma maior autenticidade.

Trata-se de um processo de aproximação faseada e lenta, passando gradualmente de uma metodologia de observação à distância para a observação de proximidade e finalmente para um processo de observação-acção. Este processo revelou-se eficaz no decorrer deste trabalho mas com alguns inconvenientes determinados quer pela sua morosidade (alguns processos de aproximação demoraram mais de seis meses) quer pela delicadeza de algumas fases do processo, sobretudo na revelação dos motivos que presidiram à abordagem e que teve que atender à sensibilidade e desconfianças que, pelo seu percurso de vida se habituaram a ter.

A habituação à presença do observador determina a frequência dos mesmos lugares, cafés, bancos de jardim próximos, salas de jogos etc..., aproveitando todas as oportunidades para se fazer notar a sua presença e tentar pequenos contactos como participar nos comentários de factos ou notícias exteriores ao grupo, cumprimentar levemente etc...

Como exemplo para melhor se entender esta estratégia, faço aqui o relato de uma tentativa de abordagem:

*Casalinho da Ajuda. - Café da esquina da Rua do Sítio ao Casalinho da Ajuda e a Rua RoyCampbell*

*26/06/2008 – 19h e 45m (extraído do Diário de campo)*

*Aproximo-me como que distraído da esquina onde a semana passada e a anterior os vi parar. Sem dúvida que aqui é o lugar de encontro. Distraidamente entro no café e olho tranquilamente à minha volta. Cá estão eles...alguns deles.*

*...Cá dentro do café, a televisão vai começando a desfolhar um rosário de notícias a que ninguém parece ligar. Na mesa ao lado já chegaram dois rapazes do grupo. Um é alto, exageradamente alto e magro. Numa das mãos tem uma cicatriz feia e aparentemente recente que tenta tapar com a outra mão. O outro é verdadeiramente franzino contrastando com o primeiro. Também magriço mas baixo. Tem tiques estranhos. Puxa os lábios para a esquerda e dá estalidos baixos, mesmo a falar. Esperam pelos outros. Enquanto isso vão bebendo cada um a sua mini.*

*Um bulício instala-se na sala. Na TV acabam de anunciar que a FIFA retirou seis pontos ao Benfica no campeonato (parece que por causa de uma transferência de um tal Alcides para o PSV. Pelo menos é o que corre no rodapé da televisão). Não percebi o contexto da notícia, talvez porque não acompanhe muito estas notícias. Alguns protestam vivamente:*

*- É para favorecer o Porto... é uma vergonha...se eu mandasseiam todos para as obras...*

*Na mesa ao lado, os dois rapazes parecem ter centrado a sua atenção na notícia que vai sendo repetida no rodapé, à espera do desenvolvimento.*

*- É triste, pá... que cena é esta?...*

*Arrisco meter-me timidamente dando corpo à indignação:*

*- É o país que temos...*

*Os dois voltam-se para mim.*

*-Pois é... São estes ladrões lá de cimaque estragam tudo...Ele tem razão (aponta para outro cliente que falara antes). Deviam ir para as obras...nem para serventes prestam...*

*Vou entrar na conversa. Paro aqui o relato. Voltarei mais tarde.*

*.... (meia hora depois)*

*Já chegaram os outros. Bebem também uma mini mas nota-se que têm pressa.*

*Quando parei de escrever, entrei francamente na conversa. As mesas muito próximas do pequeno café facilitaram o dialogo que decorreu à volta da notícia mas rapidamente esbarrou para os dirigentes, governantes, patrões etc... conversa de caserna mas que eu fui alimentando de acordo com as minhas conveniências de aproximação.*

*Paguei mais uma rodada : duas minis e um sumo...( Dívidas deontológicas: Poderá um investigador proceder assim?!) entretanto chegaram mais dois. Pediram uma mini e eu disse para porem na minha conta também... bebem a cerveja com alguma ansiedade e alguns olhares para mim, mal disfarçados.*

*Preparam-se para partir. O mais franzino dos dois com quem conversara disse: “obrigado. Fixe, meu.” E saíram. Cá fora, em grupo, contam dinheiro que cada um retirou dos bolsos ou das meias...dizem qualquer coisa uns aos outros e partem de vez. Volto a ficar sem conversa. Mas amanhã talvez seja mais fácil...*

É apenas um exemplo para documentar a entrada em “cena” do observador. São circunstâncias meramente casuais que permitem a aproximação. É a fase crítica. Ou corre bem ou dificilmente se consegue emendar uma entrada em falsete. A abordagem, ou seja o momento de penetração na esfera de relação do grupo, a partir do qual os contactos se tornam rotineiros e progressivamente mais intensos, é sempre uma consequência de circunstancias ocasionais que vão surgindo, dificilmente se podendo calendarizar uma data ou um momento para que se efectue.

### **4.3 Observar a cidade – A cidade dos lugares**

Dentro dos territórios psicotrópicos e fora deles, a observação de proximidade permite detectar lugares onde os consumidores de drogas se juntam em díades e tríades, às vezes grupos maiores, com o único objectivo de preservar a sua intimidade no acto de consumo, bem como esconder-se dos agentes de repressão à oferta e dos actores autóctones dos lugares escolhidos. São normalmente lugares degradados, abandonados ou em construção, becos e lugares ao ar livre com reduzida ou nula circulação. É o refúgio para a preparação do produto, consumo e para a recuperação dos momentos de ressaca vividos. Permanecem ali pequenos momentos ou períodos mais longos, dependentes das necessidades de cada um deles e da actividade do grupo.

Por norma são lugares caracterizados pelo desconforto, a desarrumação, o improvisado e até, frequentemente a imundície. Mas é também um espaço de relação conveniente entre seres que carecem da mesma intimidade para o consumo. Naturalmente é quase sempre uma relação centrada nas necessidades, ou de aquisição do produto ou da partilha dos objectos ou substancias a ele inerentes. Contudo, numa observação atenta, pode também notar-se nestas relações a satisfação de outras necessidades, como um certo sentimento de segurança ou de solidariedade.

São muitas vezes lugares partilhados por vários grupos. E cada um respeita a sua ocupação por outros, ou evita impor a sua presença, procurando outros lugares.

*Luís, após um serão à conversa no grupo, cede a deixar-me acompanha-lo na sua próxima toma. Mas vai-me avisando: “não vais gostar... Talvez nem queiras entrar...”*

*Hávamos passado largas horas já a conversar em muitos serões. É um tipo simpático. Conversou comigo há alguns dias. Aberto, franco e confidente. Talvez pela sua história ou pelo acolhimento que me fazia sempre que me via chegar, ou talvez pela simplicidade com que recebia o maço de LM que sempre lhe levava e que ele distribuía imediatamente pelos outros do grupo.(Parco preço que pagava pelas aprendizagens que ia absorvendo).*

*O que é certo é que eu confiava nele. Por momentos duvidei do meu bom senso ao querer acompanha-lo. Mas a verdade é que, não obstante a minha experiência no contacto com eles, e de, por diversas vezes ter observado tomas em plena rua, nunca tivera acesso a um lugar intimo de consumo.*

*Aguento a conversa e deixo correr o tempo. Cerca das 11 horas da noite, levanta-se e faz-me um gesto com a cara para o acompanhar. Despedi-me dos outros dois e segui-o.*

*O lugar era perto dali. Caminhamos por 5 minutos apenas. Uma velha obra inacabada há visivelmente muito tempo. Talvez embargada pela Câmara, talvez abandonada.*

*Entre pedras soltas vamos penetrando na obra e subimos umas escadas toscas de madeira, encostadas à placa do andar de cima. Alguma escuridão protegia-me dos eventuais olhares dos passantes. Luís, por ele, não estava preocupado com isso. Os seus interesses estavam agora centrados no evitar o sofrimento provocado pela abstinência que se aproximava. A sua voz já não era tão clara e notei mesmo que as pernas não se mostravam seguras na subida.*

*Caminhávamos apenas sob a pouca luminosidade dos candeeiros da rua. Os olhos também agora mais habituados à escuridão adivinhavam (mais do que viam), um piso amplo. No chão restos de madeiras utilizadas nas obras.*

*Entramos numa pequena divisão em tijolo de paredes inacabadas, mas bruscamente, Luís voltou para trás. Não cheguei a ver o que havia lá dentro na escuridão, mas como bom cicerone, Luís disse apenas: “Já lá está outro”. Viramos à esquerda e continuamos cautelosamente a caminhar por entre as tábuas espalhadas.*

*Ao fundo, encostados a uma parede interior também inacabada, dois caixotes de madeira, eventualmente desviados de um qualquer estabelecimento de comércio de frutas. Um pouco mais à direita, um catre tosco feito de tábuas iguais às que vira espalhadas pelo chão e apenas revestido por um cobertor gasto e com alguns buracos.*

*No ar havia um cheiro a mofo, ainda que se tratasse de um lugar arejado.*

*Luís acendeu o isqueiro e acendeu um coto de vela quase gasto. Voltou-se para mim e simplesmente disse: “É aqui. Sentou-se um pouco no catre mas os seus olhos fixavam-se nos objectos que estavam em cima de uma das caixas. Com gesto lento agarrou numa carga e rebuscou o bolso de onde retirou uma seringa. Reparei que já fora usada. Esbocei um gesto como quem vai dizer alguma coisa sobre isso, mas ele atalhou: “É só minha...” Ia-lhe dizer que pode obter... Tolices. Tantas vezes já faláramos sobre riscos e danos. Ele conhece melhor do que ninguém os esquemas da cidade. Além disso, o seu olhar inquieto quase suplicava que me fosse embora. E dizia: “...pois, é isto...”. Toquei-lhe num ombro à guisa de despedida, agradeci e despedi-me: “Tem cuidado contigo”, disse.*

*Voltei a fazer o caminho ao contrário, mas a curiosidade da vinda fora substituído por outros sentimentos mais negros, mais indefinidos... Estes lugares eram piores do que eu imaginava. De facto estavam longe de ser lugares de habitação ou de pertença. Eram apenas refúgios. Sítios vagos que cada um ocupava em cada momento.*

#### **4.3.1 Lugares de compromisso**

Nalguns lugares, a observação feita permite perceber a existência de um certo compromisso em que cada um deixa viver o outro da forma que ele quer, e onde “*se evidenciam modos de territorialidade através das formas sociais e de estruturação das relações de força em presença*” (Remy, 1974).

Nos casos observados são claramente relações frágeis assentes numa tentativa de manterem a posse do território. Por um lado, alguns residentes parecem ter a noção de que se tratam de grupos que apenas ocupam temporariamente o seu espaço para se protegerem, ainda que, nalguns casos haja abusos e provocações e noutros se manifestem tentativas de aproximação e de criação de relações mais próximas, sempre recebidas com timidez e algum receio.

De ambos os lados parece haver consciência de que se torna necessário manter alguma paz na convivência e partilha dos espaços.

*Vando aparenta ter cerca de 20 anos e apresenta-se diariamente num estado visível de abstinência com sofrimento. Aparece no café “...”, perto da Quinta da Cabrinha, quase sempre próximo das 20h. É sempre o primeiro a chegar. Apesar de tudo mostra-se sempre cortês e educado. Pede delicadamente um café (por vezes tem-se mesmo a noção de delicadeza exagerada, tendo em conta o ambiente). Cá dentro quase ninguém respeita a Lei do Fumo. O dono não se mete. É disso que ele vive...*



*O ambiente parece reflectir degradação, mas para o observador, rapidamente se revela antes ambiente de cumplicidades entre velhos hábitos de consumo, mais de álcool do que de drogas. Os clientes são quase todos mais velhos que o Vando e os seus rostos, linguagem e modos parecem revelar histórias de vidas rudes e de degradação.*

*João inicia o seu café e vai-o saboreando muito lentamente como que a justificar a ocupação de uma das poucas mesas de revestimento já gasto. Durante cerca de meia hora permanece em silêncio entre levar a chávena aos lábios e uma aspirada no cigarro, ao contrário dos outros clientes, mais agitados e ruidosos. Por vezes cumprimenta levemente, com um inclinar de cabeça um ou outro desses clientes. Percebe-se que este convívio já tem história. Quando chegam os outros do grupo, levanta-se, vai ao balcão, paga sempre escolhendo as moedas e agradece, despedindo-se com um até amanhã e recebe sempre resposta do empregado, ou dono. Por vezes acrescenta pequenas gentilezas como: “O café hoje estava mesmo bom”. Em troca recebe um sorriso complacente. Depois arrasta consigo os amigos e sai. Por vezes, um deles (talvez o mais velho) bebe um café rápido ao balcão. Depois sai também.*

*Depois disso, quase sempre, dentro do café, se geram comentários sobre o Vando. Alguns desfavoráveis. Críticas que parecem soar falsas, se observarmos as suas próprias dependências bem visíveis nos seus rostos. Invariavelmente, por traz do balcão surge a defesa: “Coitado...mas olha... é mais educado do que alguns que conheço... não faz mal a ninguém... vidas!”, e encolhe os ombros.*

No caso relatado, Vando parece ter ali um pequeno tempo tranquilo de uma vida complicada. E parece tentar a todo o custo preservá-lo, conquistando as pessoas pela sua atitude também tranquila e delicada. Alguns parecem aceitá-lo sem receios mas separando claramente os seus hábitos dos deles próprios. Não faz parte deles mas aceitam-no.

Neste, como noutros casos observados, parecem existir compromissos como o “Vive e deixa viver”. Uns e outros convivendo nos mesmos espaços, mesmo que com objectivos e posicionamentos diferentes.

## **5 Trabalho de campo -Análise geral dos grupos observados**

*"A etnografia urbana e, em particular, a observação participante costumam ser um conjunto de contactos descontínuos e focalizados em pessoas concretas (os informantes) com quem é possível aprender a ler a realidade quotidiana que se depara diante dos olhos do investigador O fluir anónimo de pessoas e grupos, uns moradores, outros transeuntes, vai dando lugar à possibilidade de identificar cantos, pontos de encontro, referencias espaciais que permitem entender quem são os actores que se entrecruzam nas ruas e que relações estabelecem com outros actores em espaços identificáveis e delimitados dentro do espaço público."( Pujadas, J. 2008)*

Apesar de existirem diferenças na constituição, organização e relações nos diferentes grupos observados, considerámos útil, para uma compreensão mais global do problema, proceder a uma análise global de todos os dados recolhidos em todos os grupos, já que sendo a problemática social e os objectivos dos grupos semelhantes, no meu ponto de vista, podem constituir um todo observado.

Pareceu-nos por isso importante fazer neste capítulo uma análise contextual dos grupos no seu todo quando por norma, se faz uma análise desterritorializada e individualizada. Nesta análise procura-se compreender as sociabilidades e as ligações ao território de uma forma mais abrangente.

Uma parte dos resultados obtidos são apresentados em termos percentuais, embora não sejam estatisticamente relevantes, mas permite-nos ter uma visão mais relativizada do fenómeno.

### **5.1 A constituição dos grupos**

Os grupos que constituem a amostra mostram-se heterogéneos na sua composição. Oscilando entre quatro a nove elementos, e com composições de género igualmente diferenciadas, o mesmo se passando acerca dos grupos etários, a observação destes grupos permite perceber que se movimentam e motivam em contextos diferentes, que parecem interferir nessa composição.

Pela análise dos dados recolhidos pode verificar-se que os grupos são maioritariamente constituídos por indivíduos do sexo masculino (74,5%) sendo um dos grupos, o da Rua do Poço dos Negros, apenas constituído por elementos masculinos.

Este facto parece alterar a configuração que se atribui por senso comum, e que ignora a participação feminina em grupos de rua consumidores de drogas. Aliás, os trabalhos efectuados em que participei desde 1995, vêm mostrar que, progressivamente os elementos femininos se têm vindo a juntar e a aparecer cada vez mais nestes ambientes, embora pareçam desempenhar nos grupos papéis mais acessórios ou com características exclusivamente afectivas. Contudo, no grupo da Almirante Reis, junto ao Xafariz, a Mariana assume a liderança do grupo.

Os grupos observados são constituídos maioritariamente por indivíduos situados na faixa etária dos 19 aos 25 anos de idade. Podemos verificar também que esta média se situa abaixo da média dos indivíduos em tratamento nas Equipas do IDT, para as mesmas freguesias que aponta para a maior percentagem dos indivíduos entre os 30 e os 45. Esta diferença, de acordo com a opinião dos técnicos dos serviços oficiais pode ser motivada pelo maior suporte social dos indivíduos referenciados em grupos o que permite um maior autocontrolo dos seus elementos e também pelo facto de, sendo mais novos, não se encontrarem ainda tão desorganizados. Segundo a mesma fonte, quando o estágio de consumos e da própria dependência se agrava, o indivíduo perde a capacidade de se organizar e de assumir relações sociais, ou seja, só os indivíduos com menores tempos de consumo e de dependências, mantém alguma capacidade de se relacionarem com os seus pares.

No que concerne às habilitações escolares, consideraremos aqui o nível escolar mais elevado frequentado pelos indivíduos. Na leitura do quadro acima, pode ser verificado que a percentagem mais elevada frequentou ou frequenta o 3º ciclo de escolaridade (49%). Contudo a ideia de que estes indivíduos possuem baixos níveis de escolaridade, é contrariada nestes grupos observados. O somatório dos indivíduos que frequentam ou frequentaram o ensino secundário e superior (35,1%), é muito superior ao dos indivíduos que abandonaram a escolaridade com o 1º e 2º ciclos (15,7%). Note-se que o número de indivíduos que frequentam ou frequentaram o ensino superior é igual ao dos indivíduos que se ficaram pela frequência do 2º ciclo.

Relativamente ao género, verifica-se que 53% dos elementos femininos frequentam ou frequentaram o ensino secundário ou superior, enquanto que apenas 29% dos masculinos frequentam ou frequentaram esses dois graus de ensino.

A baixa escolaridade aparece quase sempre nos estudos efectuados sobre toxicodependentes. Contudo, também este quadro aparece como progressivamente alterado. Talvez causado pelo aumento da escolaridade obrigatória, pelos programas alternativos ao ensino regular lançados nos últimos anos e vulgarizados em quase todas as escolas, ou ainda pelo facto de que o absentismo escolar e a repetência tenham as mesmas causas antecedentes que a entrada no circuito de consumos de drogas, a verdade é que encontramos na rua cada vez mais indivíduos habilitados com o ensino secundário ou mesmo frequência universitária e licenciados.

Os 35,3% de indivíduos abordados que frequentam ou frequentaram o ensino secundário ou superior, parecem apontar para a necessidade de ser prestada alguma atenção à evolução deste fenómeno.

Pese embora o que foi dito, em minha opinião, esta alteração dos quadros de habilitações dos indivíduos consumidores regulares de drogas ilícitas, pode verificar-se com maior significância no conjunto dos que se movimentam e consomem sob a protecção do grupo, já que, este grau de habilitações literárias surge com expressão reduzida nos inquéritos feitos aos toxicodependentes quando agindo isoladamente.

Uma outra análise reflecte números semelhantes para os indivíduos tratados nas Equipas de Tratamento do IDT e referentes às freguesias estudadas neste trabalho. Nele se verificam percentagens menos significativas do que as referenciadas no quadro anteriores para os indivíduos organizados em grupos. Repare-se que uma tentativa de comparação com os resultados idênticos do total do Concelho para os mesmos indivíduos em tratamento, produz resultados semelhantes.

Observa-se ainda o tempo que estes indivíduos tem de práticas de rua, quer sejam em condições de ausência do núcleo de pertença e de origem, quer seja, permanecendo neles mas utilizando a rua como meio de sobrevivência, encontro ou práticas de consumo.

Verifica-se que são os elementos femininos que surgem com menor tempo de práticas de rua, com especial significância entre o grupo de 1 a 2 anos (46,2%). Já a maioria dos elementos masculinos se situam no escalão de 2 anos a 4 anos (52,6%). Ainda assim, 30,8% dos elementos femininos tem um tempo destas práticas situadas entre 2 a 4 anos, o que indicia alguma estabilização e habituação a estas práticas, o que, segundo os técnicos de intervenção psicossocial em rua, pode indiciar maior dificuldade de abandono destas práticas e de regresso ao meio social ou ao retorno aos costumes e vida social familiar.

Ainda relativamente às vivências de rua, verifica-se que 47,1% do total dos 51 elementos observados, estão na rua ou com práticas de rua entre 2 a 4 anos, sendo que, relativamente às habilitações escolares, quase metade destes frequentaram ou frequentam o 3º ciclo de escolaridade, verificando-se que 35,3% dos indivíduos frequentam ou frequentaram o secundário ou o ensino superior. Estes referenciais parecem induzir a conclusão de que indivíduos mais habilitados academicamente permanecem mais tempo na rua ou com práticas de rua.

Já relativamente à idade, podemos observar que, no universo dos indivíduos abordados, é o grupo de 22 a 25 anos, que mostram maior tempo destas práticas

Assim, poderemos inferir que, no universo observado, são os indivíduos masculinos, com maiores habilitações e inseridos na faixa etária dos 20 aos 25 anos, os que acumulam maior tempo com práticas de rua. Uma parte importante destes (23,5%) registam tempos de permanência em práticas de rua superiores a 4 anos, sobretudo na faixa etária compreendida entre os 19 e os 25 anos de idade, elementos masculinos e com habilitações académicas contidas na média geral dos grupos (3º ciclo e ensino secundário)-

Naturalmente que, esta habituação à rua pode condicionar também o tempo de permanência no grupo. Considera-se apenas o tempo de permanência no grupo estudado, embora se saiba que alguns deles pertenceram já a outros grupos, embora em número pouco significativo.

Noutra análise, podemos verificar que 53,9% dos elementos femininos permanecem no grupo há pelo menos dois anos. Já os elementos masculinos, 44,8% permanecem o mesmo tempo. Se considerarmos apenas os que permanecem há mais de 3 anos, embora o total de elementos não seja significativo, verificamos que também os elementos femininos têm maior expressão percentual. A análise deste quadro parece referenciar, embora com pequena relevância estatística, uma maior estabilidade dos elementos femininos.

Na sua grande maioria, estes indivíduos permaneceram pouco tempo nas vivências de rua ou na rua antes de se juntarem ao grupo (2 a 12 meses).

## **5.2 As relações intragrupoais**

A observação das relações intragrupoais, parece poder definir o grupo enquanto tal, ou, pelo menos, como o defini para este trabalho. São estas relações que constroem os laços de coesão na maior parte dos grupos observados, embora, minoritariamente se observem relações construídas a partir dos interesses da procura do produto e da própria sobrevivência individual.

Nos casos de indivíduos do sexo feminino são as relações amorosas que predominam. Existem mesmo opiniões que garantem que as mulheres só entram nestes grupos e neles se mantêm quando estão ligados a um elemento do género masculino pertencente ao grupo.

*... Quando existem pessoas femininas, normalmente estão... ou são namoradas ou têm uma ligação - Uma ligação amorosa, afectiva com... com um homem do grupo, isso sim. (Celestino Cunha- Associação Comunidade Vida e Paz)*

*... Porque as mulheres que vivem na rua estão sujeitas também a muito mais... outros tipos de violência, não é? Pronto, e muitas vezes elas submetem-se por exemplo: a manter uma relação – mesmo que também*

*não seja a relação que elas... que elas querem para elas – mas sabem que dali há segurança, não é? (Carla – Associação Médicos do Mundo)*

Embora se possa deduzir que essas relações amorosas se misturam com as necessidades de pertença e segurança, em nenhum caso dos grupos observados isso foi admitido por elas.

Já no caso dos elementos masculinos, são as relações afectivas e as relações de subsistência e sobrevivência que predominam. Nos diálogos mantidos, é frequente o uso de expressões indiciadoras de amizades construídas, de companheirismo e de cumplicidades.

### **5.3 As relações com os lugares e a construção de sentimentos de pertença**

Uma das questões de partida deste trabalho prende-se com a tentativa de compreensão das ligações destes ocupantes da cidade com estes lugares de procura, de encontro, de consumo ou de subsistência.

Na tabela 69, reflecte-se, em auto percepção, se os elementos do grupo sentem existir identificação com os lugares que ocupam.

A maioria dos indivíduos inquiridos sobre esta questão admitem ou revelam nas suas expressões, identificarem-se com o lugar e construir pertenças à volta deles.

Também os técnicos admitem a construção destas pertenças, embora à volta das suas necessidades primárias do momento:

*-... Sobretudo tem a ver com os lugares, sim, e com as defesas que encontram nesses lugares, estratégicos (Carla Fernandes – Associação Médicos do Mundo)*

*- ...acho que eles sentem muito isso, portanto o lugar, o lugar onde estão, acaba por ser quase a casa deles, entre aspas... (Cristina – Associação Crescer na Maior)*

Da mesma forma, os indivíduos, na sua maioria (90,2%), expressam sentimentos de pertença ao grupo, não se registando diferenças estatisticamente significativas entre os géneros.

Mas, a existência destes sentimentos de pertença ao lugar, parece, no entender dos observados, não se resumir apenas às necessidades materiais do momento e às oportunidades de angariação de recursos de subsistência. Adivinha-se também, nos seus discursos, as necessidades de sentir o território desses lugares, e mais concretamente os lugares restritos, como refúgio psicológico tanto como físico. Parece, pois, evidente que este sentimento de pertença está relacionado com contextos territoriais e sociais em simultâneo.

A construção destes sentimentos de pertença, assume, nestes grupos, importância significativa já que, as relações familiares estão de tal forma desqualificadas para eles que estas novas pertenças vêm satisfazer a primeira das necessidades sociais apontadas por Mac Lallend, a necessidade de se sentir pertença de alguma coisa e de alguém.

No caso presente, parecem reunir-se aqui e com o grupo as condições para a construção deste sentimento.

Uma questão que parece importante perceber é que objectivos prosseguem estes grupos relativamente à escolha destes lugares. Percebendo que ela é feita sobretudo com base no ambiente que os envolve, na tranquilidade e aceitação que esses lugares lhes oferecem, e nos tais sentimentos de pertença que neles podem edificar, parece revelar-se a utilização (e de alguma forma também os motivos para a escolha) que cada elemento refere como mais relevante.

Desta análise, podemos deduzir que a escolha do lugar e a necessidade de encontro com o grupo estão intimamente relacionados, sendo fortemente facilitadores de uma recuperação do sentimento de pertença.

### **5.4 As relações com os residentes**

Será, talvez, por esta necessidade, que as relações dos grupos frequentadores e de certa forma ocupantes dos lugares com os seus residentes, são menos conflituosas do que as relações destes com outros consumidores isolados e ocupantes esporádicos dos lugares.

Parece evidente, para quem contacta frequentemente estes grupos, que se esforçam por preservar os lugares que ocupam e por garantir relações minimamente tranquilas ou amistosas com os residentes.

Nos dados recolhidos podemos ler que 58,8% dos ocupantes declaram ter relações tranquilas ou mesmo amistosas com os residentes, sendo que apenas 3,9% assumem ter com eles relações conflituosas. Os restantes, afirmam não ter relações, nem boas nem más, com os residentes.

A existência de alguns elementos do grupo pertencentes ao lugar ou lugares próximos, poderá também interferir nestas relações tranquilas ou amistosas, o que de alguma forma acaba por beneficiar os restantes elementos, já que assim acabam por ter interlocutores privilegiados com a população residente, embora esse facto também sirva para exercer algum controle social sobre eles.

O que parece evidente nas declarações obtidas é a necessidade de criar estes laços com a população residente no lugar e as instituições e serviços que aí se sediam. É como nos diz Celestino Cunha da Comunidade Vida e Paz na entrevista exploratória:

*"A deslocação por exemplo aos serviços quer da comunidade Vida e Paz, quer à AMI, quer de algumas paróquias em particular da cidade de Lisboa é feita – “ Hoje vais lá tu porque ontem, fui lá eu ” – mas a ideia é trazer para os 3 ou para os cinco ou para os 7. Estou a pensar ali nas pessoas da zona da Praça de Londres que funcionam muito neste registo. Para não terem a forçar muito a relação ali com as pessoas da...da Mexicana ou, das áreas envolventes - até da junta de freguesia quando recorrem - procuram revezar-se para não serem sempre os mesmo a ir pedir, para não criarem um problema." (Celestino Cunha)*

Da mesma forma se compreende que muitos dos elementos destes grupo procurem apresentar-se no lugar de uma forma "menos chocante" do que os toxicodependentes que por ali passam. De alguma forma pretendem estabelecer a diferença, e isso parece resultar, já que nos discursos dos entrevistados residentes, a culpa é quase sempre atribuída *aos outros, aos de fora*. E nestas expressões parece admitir-se que *estes* não são perigosos e até não são de *fora*. Nas visitas que lhes fiz, verifica-se com frequência uma preocupação de cumprimentar quem passa e que os consumidores intitulam de *vizinhos*.

Como nos disse também Celestino Cunha, a higiene é um factor de aproximação ou repulsa pelos residentes. E nos grupos, isso parece ser assumido. Quando necessitam de um contacto ou de melhorar a sua relação com os residentes preocupam-se com a sua imagem, ou escolhem entre eles aquele que lhes parece oferecer menos resistências pelo seu aspecto. A sua linguagem e atitudes são também *adocicados* nestes contactos.

De um lado e outro, parecem assumir estas relações como difíceis ou delicadas. Do lado dos residentes procuram não conflitar as relações, por medo ou por pena, do outro procuram igualmente mostrar a sua face mais humana e menos *estranha* para que as relações sejam cada vez mais de proximidade e de vizinhança. Nestes casos, pode também estar em causa a necessidade de construir pertenças e isso só é possível com base em relações amistosas ou, pelo menos, não agressivas.

## **5.6 As actividades de subsistência**

Poucos são os que possuem rendimentos certos mensais. Exceptuando um elemento que subsiste de mesada dos pais e três que possuem rendimentos de renda de casas que herdaram dos pais, todos os outros encontraram forma de angariarem quer o seu sustento quer para custear os consumos de drogas.

O maior grupo é o dos que mantêm actividades laborais a tempo parcial, embora com alguma regularidade (31,4%). Existe ainda um pequeno grupo que mantêm alguma actividade deste tipo mas sem qualquer regularidade, executando pequenos biscates de forma muito temporária, tais como abastecimentos (cargas e descargas) nas grandes superfícies ou mercados.

Um grupo estatisticamente relevante é também o que se dedica exclusivamente ao arrumo de viaturas (23,5%). No entanto se cruzarmos esta variável com a das actividades secundárias, veremos que 34,6% dos indivíduos, excluídos os que fazem do arrumo a sua actividade principal, utilizam o arrumo como actividade secundária e com carácter não regular, embora nalguns casos com bastante frequência.

A distribuição de flyers, através de agências publicitárias ou directamente promovida pelas empresas ou pessoas singulares e os trabalhos a tempo parcial (limpezas e manutenção), ocupam uma parte importante dos elementos femininos. Já a prostituição parece, pela análise das tabelas, não ter relevância estatística nestes grupos, já que apenas um elemento a utiliza como actividade principal e outros dois como actividade secundária, sendo todos do sexo feminino.

Contudo, as informações obtidas nos grupos sobre este assunto, não me parecem muito fiáveis, embora não tenha suporte teórico para as recusar. Com efeito, mais pelos silêncios do que pelo afirmado, este assunto acabou por não ser suficientemente explorado, por entender que as suas reservas em falar sobre isto, se situam no plano do necessário respeito pela reserva de vida privada e o direito a intimidade.

## 6. Conclusão

*“A cidade vivida é também uma cidade imaginada com os seus espaços de culto, os seus altares e, inversamente, os seus interditos. Desta forma torna-se um elemento central na definição das identidades sociais.” Pinheiro, M; Baptista, L; Vaz, M. 2001 ).*

Na tentativa de encontrar os nossos grupos de estudo, pudemos conhecer realidades diferenciadas de jovens consumidores de drogas ilícitas no *junkie* diário. São vivências, em muitos casos sobrevivências, centradas na rua, onde desenvolvem as suas estratégias com vista ao consumo.

Como conclusão deste trabalho poderia ficar-me pelo resumo dos resultados e do tratamento dos dados obtidos, mas perder-se-ia certamente esse aspecto mais empírico da observação que considero, (pelo menos para quem foi habituado, profissionalmente e ao longo da vida, a mergulhar tão profundamente quanto possível nos problemas que a sociedade actual cria ou facilita), que são estas observações voltadas para o convívio com as problemáticas sociais e os seus actores, que completam os saberes que a formação académica e o treino profissional me ofereceram.

Apesar do que afirmei atrás, importará perguntar se este trabalho acrescentou, de forma relevante, alguma contribuição para o conhecimento da cidade e dos seus ocupantes.

O senso comum parece determinar, ou pelo menos condicionar, uma dicotomia entre a *nossa* e cidade *deles*, acabando por rotular alguns lugares como malditos, perigosos ou mesmo como territórios de crime e de violência. Mas, para um observador atento, surgirá sempre a questão levantada por Luis Fernandes de que *“ a cidade não é o mero palco do delito, mas seu produtor e multiplicador sendo capaz de um efeito moral sobre os indivíduos.”* (Fernandes, 2003; pp54).

Mais do que estranhos, invasores ou predadores, imagens frequentes nos discursos sobre os toxicodependentes, estes consumidores de drogas organizados em grupos parecem fazer parte da própria cidade e dos lugares que ocupam, tal como as imagens metafóricas da ecologia da Escola de Chicago nos transmite: várias espécies habitando um mesmo espaço, desempenhando cada um o seu papel e relacionando-se com os outros e com os espaços de forma própria.

A mais relevante observação deste trabalho parece ser a de que a insegurança sentida pelos residentes, e tantas vezes verbalizada também pelos discursos e artigos de opinião, parece não ser sistematicamente sustentada pelas histórias destes grupos, embora outros consumidores de drogas que não se fixam num lugar mas a ele recorrem frequentemente de forma isolada, pareçam despertar maiores receios, talvez porque se situam no anonimato.

A existência de práticas perturbadoras, muitas vezes delituosas ligadas ao consumo ou actividades de subsistência, apesar de pouco reconhecida pelos próprios, podem, ainda assim oferecer receios e distanciamentos. Contudo, no discurso dos residentes são, quase sempre os *outros, os que vem de fora*, que trazem a violência e os conflitos, reconhecendo estes grupos como menos perturbadores.

Parece, por isso, necessário desconstruir os mitos. Cabe à cidade, e a cada lugar por si, trabalhar estas relações entre estes actores, os que o habitam os lugares e os que os ocupam ou utilizam, qualquer que sejam os objectivos desta utilização, enquanto tal for possível, num quadro de regulação social.

Tendo em conta o baixo conhecimento que estes membros dos grupos têm dos sistemas de apoio e tratamento e (adianto-o) o desconhecimento que os sistemas têm destes grupos, parece importante reflectir sobre novas construções da identidade e morfologia urbanas, trabalhando menos com os indivíduos isoladamente e mais com estes sistema espaço-relação que os lugares oferecem, de modo a conseguir-se um crescimento de sentimentos de segurança e de pertença que faça intervir todos sobre todos. já que, como dizia Goeth, *só pela massa pode a massa ser fermentada*.

E será, porventura, necessário observar mais e conhecer para além das realidades concretas do consumo das drogas, que estes fenómenos não estão isolados dos estilos e culturas de cada grupo e de cada lugar.

As observações feitas neste trabalho levam-me à convicção de que o trabalho de intervenção sobre consumidores regulares de drogas, passa menos pelos grandes projectos, do que pela intervenção criteriosa no planeamento e recuperação dos espaços urbanos e pela intervenção directa junto de grupos, motivando cada um para a necessidade de construírem relações mais constantes e assertivas, através de sociabilidades que diferentes condições urbanísticas e de relação permitiriam.

Por fim, valerá a pena referir que, embora a recolha e análise dos dados deste trabalho possam dar força a algumas ideias para a revitalização ou reconstrução de alguns lugares, é fundamentalmente uma proposta para a análise cuidada das conversas havidas com os vizinhos de um e outro lado, e que nos transportam para os meandros da sobrevivência física e, sobretudo, afectiva e de pertença, que nos pode ajudar a perceber que a cidade é hoje um complexo de relações entre diferenciados actores em diferentes papeis, mas também um complexo mundo de relações com os lugares que se querem fomentadores dos sentimentos de pertença.

Para terminar, reconhece-se ainda a modesta dimensão deste trabalho e a quantidade de dúvidas que acrescentou, pese embora a ajuda à compreensão e esclarecimento de algumas outras.

É por isso um trabalho que exige continuação, por agora... e apenas por agora, adiada.

## **Referências bibliográficas**

- Baptista, L. - 1996 - "*A cidade em reinvenção: crescimento urbano e emergência das políticas sociais de habitação, Lisboa século vinte*", Lisboa, Tese de doutoramento em Sociologia, FCSH
- Becker, Howard - 1973, "*Outsiders - studies in the sociology of deviance*", New York, The Free Press
- Bourdieu, P. - 1979. "*La distinction: critique sociale du jugement*". Paris; Minuit.
- Chaves, M.- 1999 - "*Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico. Marginalidade Económica e Dominação Simbólica em Lisboa*," Lisboa, ICS
- Cordeiro, G.; Baptista, L.; Costa, F. (orgs.), "*Etnografias Urbanas*", Oeiras: Celta Editora (pp.93-101).
- Cordeiro, G. ;Vidal, F. (org.) 2008 "*A Rua, espaço, tempo, sociabilidade*" - Lisboa; Livros Horizonte
- Costa, A. – 1999 – "*Sociedade de Bairro – Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*", Oeiras, Celta
- Fernandes, L. 1994 “*Topografia urbana do medo: os espaços perigosos*” Revista do MP nº 59
- Fernandes, L. 2002 – “*O sítio das Drogas*” – Lisboa, Editorial Notícias
- Fernandes, L. 2007 “*Pelo Rio Abaixo*” Porto, Legis Editora
- Fernandes, L. Neves, T. e Chaves, M. - "*Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário*", in Educação, Sociedade & Culturas, nº 16.
- Fortuna, C. (org.) -2001 – “*Cidade Cultura e Globalização*” – Oeiras, Celta Editora
- Hespanha, P. e Carapinheira, G. - 2002.– *Risco Social e Incerteza* – Lisboa, Afrontamento,
- Ledrut, R. – 1973 – “*Sociologie Urbaine*”, Paris, PUF
- Lucchini, R. – 2001 - “*Crianca da Rua, e drogas*” – Revista Infância e Juventude nº 91.3 - Lisboa -Instituto de Reinserção Social

Ogien, A. -2000 - "*Sociologie de la déviance et usages de drogues. Une contribution de la sociologie américaine*". , Paris: CNRS,

Pais, J. (org.) – 2001 - "*Ganchos, Tachos e Biscates*"- Porto, Ambar

Pinheiro, M. ; Baptista, L. e Vaz, M. (org.)- 2001,- "*Cidade e metrópole – Centralidades e Marginalidades*" – Oeiras, Celta Editora

Pujadas, J. - 2008- "*A rua como espaço público de sociabilidade: um olhar comparativo*", In "*A rua, espaço tempo e sociabilidade*"; Cordeiro, G. e Vidal, F.(coord); Lisboa, Livros horizonte (pp 144 e 145).

Solá-Morales, I. - 2002– “Terrain Vague” in *Territórios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili,

---

<sup>i</sup> Observatório Europeu das Drogas e Toxicodpendências

<sup>ii</sup> Médicos do mundo, Comunidade Vida e Paz e Associação Crescer na Maior